

Luciana Francisco de Jesus

Crianças das Classes Populares na Educação Escolar

Rio de Janeiro
2001

Luciana Francisco de Jesus

Crianças das Classes Populares na Educação Escolar

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

Reitor: Profº Dr. Pietro Novellino

Decano: Profª Drª. Maria José Mesquita C. M. Wehling

Diretor: Profª Drª. Dayse Martins Hora

Chefe de Departamento: Profª Drª Mônica Cerbelha Freire Mandarino

Professora: Profª Mestre Denise Sardinha

CRIANÇAS DAS CLASSES POPULARES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

LUCIANA FRANCISCO DE JESUS

Monografia apresentada à Escola
de Educação da Uni-Rio para
obtenção do grau em Pedagogia.

Professor Orientador: Adélia da Silva Coutinho

RIO DE JANEIRO

2001

JESUS, Luciana Francisco de. **Crianças das classes populares na educação escolar**. 2001. 30 f. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia)-Escola de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

J499 Jesus, Luciana Francisco de.
Crianças das classes populares na educação
escolar. Rio de Janeiro, 2001.
30 f.

Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia)
-Escola de Educação, Universidade do Rio de Ja-
neiro, 2001.

1. Crianças - Classes populares - educação.
I. Título.

CDD - 370.19341
CDU - 372.4-053.5-058.14

Não somos culpados pelo mundo que encontramos ao nascer, mas precisamos, na medida de nossas possibilidades, fazer alguma coisa pelo mundo que está sendo construído (ou destruído).

E que será herdado aos que hão de vir.

A minha mãe, Leda Francisco com muito amor.

Não teríamos realizado esse trabalho se não fosse a atenção e o atendimento eficaz e sempre presente dos professores do curso.

Deixo aqui também o meu agradecimento com carinho as amigas Eliana Cunha e Marcia Perete e ao meu marido Marco Vinícios pelo companheirismo e amizade neste todo tempo universitário.

"A melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje, é fazer hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã o que hoje também não pude fazer".

Paulo Freire

RESUMO

No momento de acelerada expansão da tarefa educativa por todo o País, tornou-se indispensável ao professor, mais que o domínio das Matemáticas, das Línguas ou das técnicas, o conhecimento completo e integrado de tudo quanto compõe um ser humano em formação.

Isto significa que antes de conhecimentos específicos, o profissional de ensino deve, necessariamente saber das motivações humanas para enfim ter condições de explorar suas potencialidades de uma forma sensível e lúcida, respeitando todos os traços culturais existentes; ainda mais quando se fala em grupos de crianças carentes.

É necessário afirmar que todas as possibilidades de uma criança de classes populares pode ter, a partir da escola, de construir a sua auto-estima, poder se aceitar e ser aceita, de maneira que estes sentimentos reflitam, externamente, as compreensões que os sistemas de ensino tem sobre a diversidade.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	09
II. NO COTIDIANO ESCOLAR	11
2.1 Auto - Estima	11
2.2 Discriminação	13
III. PREPARAÇÃO DO EDUCADOR PARA A DIVERSIDADE	17
3.1 A Crença do Educador	17
3.2 Para uma Pedagogia Multicultural	18
IV. AS DESIGUALDADES NO SISTEMA EDUCACIONAL	23
V. CONCLUSÃO	27
VI. BIBLIOGRAFIA	30

I. INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que a educação escolar é a grande responsável pela promoção da auto-estima e de todo o desenvolvimento das potencialidades do homem, este trabalho tem como objetivo investigar os aspectos que interferem diretamente no desenvolvimento escolar em crianças ^{das camadas ou classes} populares.

A baixa evolução escolar tem sido observado entre crianças de classes populares, fruto de um processo de desintegração de valores, que atingiu nas últimas décadas, a família, as instituições, as visões de mundo, fazendo ruir os velhos paradigmas e gerando novas formas de interação entre os homens.

Por vezes, ouvimos falar sobre revolta e agressividade de algumas crianças de classes populares. Na maioria dos casos, julgamos as conseqüências destas atitudes sem atentarmos para as causas.

Mesmo que a criança viva em um momento de muitas transformações no plano físico, biológico e psicológico, ela é um sujeito que tem desejos, sonhos e inseguranças e que precisam ser conhecidas pelos que educam.

O que faz uma criança ter rendimento escolar diferente do que a outra? As diferentes classes sociais influenciam na promoção, repetência e evasão no ensino? O professor sabe lidar com todas estas questões? E com a auto-estima? Qual o segredo?

O homem é um ser que busca permanentemente superar desafios e torna como referência para superá-los, suas experiências acumuladas. Se na fase adulta as experiências de vida contam, na infância as referências utilizadas são as informações dos outros sobre nós e o mundo. E por nossas vivências estarem centradas na convivências familiar, religiosa e escolar, é que inicialmente vivenciaremos as primeiras informações sobre nós e o mundo nestes espaços.

Portanto a escola tem seu papel fundamental no processo de crescimento e desenvolvimento do indivíduo e do coletivo, onde é preciso que cada professor

lute pelo resgate de seu papel social, tendo a consciência e mostrando para a sociedade que a educação sempre foi, é, e será importante para o país.

→ É necessário o resgate da criança da emoção, afetivamente, respeito, o ser ético, e mostrá-la, que é nos pequenos atos que nos tornamos cidadãos e tomamos a consciência ^{de} que fazemos parte de um grupo.

A partir destas reflexões, é necessário buscar as possibilidades que uma criança de classe popular terá, a partir da escola, de construir sua auto-estima e auto-conhecimento, motivando-a conhecer e reconhecer sua própria identidade.

→ Não pretendeu a autora, no planejamento e desenvolvimento do presente estudo, inovar posições ou apresentar novos, que ainda não houvessem sido alvo de estudos freqüentes das autoridades. Sequer pretendeu apresentar fórmulas miraculosas de soluções imediatas infalíveis.

Houve sim, uma grande preocupação na abordagem real de um problema latente, de proporções cada vez maiores, havendo perspectivas nada otimistas, quanto a soluções a curto ou médio prazo.

Lamentável é verificar que muito se tem discutido, mas a problemática aí está, com um eterno desafio a cada educador e a todo o sistema.

Fica pois este trabalho, como mais uma abertura, uma abordagem despreziosa para o encontro do caminho certo para a criança feliz.

II. NO COTIDIANO ESCOLAR

2.1 Auto-estima

No Brasil, o discurso em favor da educação popular é antigo. Diagnósticos, denúncias e propostas de educação popular tem estado sempre presentes no discurso político sobre a educação no país, com o objetivo de uma conquista de igualdade social e democratização de ensino, após a constatação da vergonhosa precariedade que a educação apresenta.

Gadotti (1992) após alguns estudos, verificou que o Estado - nos anos 30 - tinha como responsabilidade a educação de todas as crianças pobres e carentes que estão ^{esta forma} na pré escola no Brasil.

Esta compreensão resulta do projeto de nacionalização de educação. Julgava-se importante que o Estado padronizasse o cidadão nacional através de suas políticas educacionais, tendo como parâmetros os valores daqueles que descendiam de populações européias, tanto no que se refere à constituição biológico e social.

Com esta medida, as várias expressões culturais e os modos de vida da população, ou seja, as várias concepções de mundo, foram paulatinamente sendo excluídas da diretrizes das instituições públicas no Brasil e, dentre elas, a escola, justificando, assim a exclusão de conteúdos populares e raciais nos currículos escolares.

As análises denunciam que a escola brasileira constitui-se a partir de uma classe média, e que as culturas populares dela não fazem parte.

Na perspectiva de se buscar a promoção igualitária das crianças e adolescentes, é necessário "resignificar" a escola com conceitos e realidades presentes aos educandos.

A escola é parte da sociedade e uma das possibilidades de interação com o mundo.

Assim sendo, se faz necessário a incorporação da prática pedagógica, para a busca do reforço da auto - estima das crianças e adolescentes de classes populares para interação destas crianças no mundo social, para além da escola.

A criança recebe, diariamente, estímulos positivos e negativos em relação a sua cultura e, sobretudo ^{??} a sua personalidade cultural e étnica. É freqüente, os professores traduzirem como estímulos negativos a indisciplina a personalidade dinâmica dos alunos exigindo sua anulação na escola e na sala de aula.

Esta anulação de personalidade promove a negação de identidade, ou seja, a criança carente, é levada a concluir que sua realidade cultural, social e familiar não é adequada e nem pode ser incorporada em outras relações sociais e grupais.

Assim sendo, a primeira e importantíssima atitude a ser tomada pela escola e pelos educadores é a compreensão ^{??} aos alunos como seres individuais que pertencem a culturas coletivas. Ou seja, um aluno não é igual ao outro.

A segunda atitude é a de compreender que esta individualidade faz parte de uma coletividade, de um grupo cultural, racial, étnico, econômico, regional, etc.

A terceira atitude seria a de estimular o desenvolvimento desta criança em seu conjunto, observando aqui os aspectos emocionais, cognitivos, físicos e culturais.

Neste sentido é necessário romper com os preconceitos e estereótipos presentes, inclusive na escola, no que se refere estas pessoas de populações carentes.

relembros
→ com a vivência do educando antes e fora da escola, tende a padronizar o comportamento de seus alunos, tende a adotar uma postura etnocêntrica e singular, adestrando-os, tolhendo sua potencialidades.

Estes preconceitos pouco ou nada servem para promover a auto – estima da criança carente. A medida que o educador assume esta postura, acaba produzindo a marginalização racial e social presente na sociedade.

“O professor é a pessoa que, ao interagir com aluno, deveria medir o complexo processo de criação, não se convertendo num treinador de técnicas mas procurando criar um criador”. (In, Cerqueira , p. 21, 1997)

2.2 Discriminação

Para reverter as estruturas convencionais e discriminatórias, é preciso estabelecer relações de identidade e afetividade, especialmente na relação professor – aluno. Do contrário, a prática discriminatória aciona a “memória de discriminação” tão presente no mundo dos negros, pobres... que por sua vez, detona pensamentos, atitudes e sentimentos de inferioridade motivados por restrições, institucionais ou não.

O sentimento de inferioridade, imediatamente, sugere o sentimento de limite, o sentimento de poder apenas uma parte e não o todo.

“O tributo pago pelo negro à espoliação racista de seu direito à identidade é o de ter que conviver com pensamento incapaz de formular enunciados de prazer sobre a identidade do sujeito. O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer”. (Souza, Neuza, p. 31, 1983)

A impossibilidade de ser sentir completo, pleno, motiva o desprezo das possibilidades de enfrentar desafios tão necessários para aprender sobre si, o outro e o mundo. Assim sendo, espera-se que o educador, a despeito das relações de poder de toda ordem, busque compreender as diferenças para promover a igualdade.

É necessário buscar estimular esta criança para o auto – conhecimento, motivando-a a conhecer e a reconhecer sua identidade. Muitos pesquisadores dizem que o fracasso escolar é produzido, inclusive, por suposições sobre as (in)capacidades das crianças de classes populares. É possível apostar nas capacidades de todas as crianças, motivando-as e contribuindo para a promoção de

seu sucesso pessoal e escolar, iniciando a busca do conhecimento das suas motivações e aspirações.

'Incentivar a criança a apreciar sua imagem, reforçar sua beleza, a sua inteligência, as habilidades, aptidões, isto é as coisas que sabe fazer e gosta...' (Amma, p. 02, 1996)

Os educadores, podem atuar como defensores de condições de igualdade, por exemplo, garantindo que os currículos escolares expressem conhecimentos sobre todos os segmentos que fazem parte da escola, comunidade e sociedade, centrados na perspectiva multicultural como propõe Gadotti:

"Equidade em educação significa igualdade de oportunidades para todos poderem desenvolver suas oportunidades. E ela só pode ser atingida quando as classes populares entrarem e permanecerem numa escola que lhes interessa. "Igual para todos" não significa uniformidade monocultural..." (Gadotti, p. 21, 1992)

A visibilidade sobre estes segmentos na sala de aula tem que fazer parte do cotidiano e de toda rotina escolar. Em qualquer discursão por exemplo o professor tem que estar atento as questões que envolvem especificamente os diversos grupos sociais e étnicos existentes na sala.

Outro aspecto que deverá acompanhar a compreensão de individualidade e diversidade na escola é o da avaliação. E, aqui, não vale a máxima "um por todos por um". Ao contrário: cada um é cada um. Um ser em desenvolvimento; em processo de absorção de conceitos e conhecimentos; de troca; de construção e reconstrução de significados, necessita de um sistema de avaliação que, longe de detonar intranquilidade emocional e cognitiva, deve se balizar em processos construtivos de avaliação.

Observar estes aspectos é de máxima importância. O educador precisa estar atento para o fato de que na escola exerce o poder de "exclusão" e de "violência". Muitas vezes, a seletividade e a violência se traduzem em rituais "simbólicos", dos quais se tem consciência ou não.

Quando um aluno é publicamente rotulado de "lento" ou "relaxado", está sendo violentado. Quando o educador não ouve e considera suas queixas e

justificativas, está reproduzindo desigualdades. E as crianças que, advindas deste tratamento, abandonam a escola, não estão se evadindo. Na verdade, são expulsas e excluídas.

Por outro lado, pobreza material não significa pobreza cultural, cognitiva e intelectual. Isto é possível verificar a partir da observação de métodos não tradicionais de ensino que buscam estimar a construção de conceitos valorizando, como ponto de partida, o referencial do aluno.

Estas metodologias / pedagogias valorizam o patrimônio cultural das crianças; a interação do ambiente escolar, familiar e comunitário; ampliam a compreensão dos fatos históricos que envolvem a vida dos alunos para o ontem e o hoje; buscam compreender as diferenças; constroem coletivamente dinâmicas de conteúdos e avaliação, valorizam, ainda, o processo evolutivo da criança e, principalmente, trabalham com o aluno real em contraposição às metodologias tradicionais que "educam" o aluno ideal.

Escolas e educadores tradicionais se dizem preocupados em trabalhar com as características de seus alunos. Mas inúmeras vezes, essa preocupação se traduz em trabalhar para alterar as características étnico – culturais e sociais destes alunos. Então é visto, o eurocentrismo educacional e a anulação das possibilidades de diferentes processos educativos.

Assim sendo, o aluno "ideal" deve servir de parâmetro para os "outros" alunos. A criança "ideal" deve servir de referência para "outras" crianças.

Para se tornarem alunos "ideais", "os outros" são sistematicamente levados a negar seus referenciais de diferença, que passam a ter a conotação de desigualdade. Negam sua cultura, identidade e referenciais de classe ou, ao contrário, assumem um comportamento de resistência, rebelando-se como expressão negativa à aculturação. Infelizmente, a resistência é traduzida nas salas de aula pelos educadores como rebeldia e indisciplina. Afinal, tudo o que não atende à norma etnocêntrica é indisciplina, desvio, marginal.

Um aspecto a observar no processo de resistência é a linguagem do corpo, tão presentes no universo infantil. Tanto na negação como na resistência, o corpo é o condutor das reações e sentimentos internos. É um mensageiro.

Na cultura brasileira, o corpo se traduz como forma de participação necessária. Existem crianças de classes pobres, negras na escola, é impedida de se expressar corporalmente como pertencente a esta cultura. A dinâmica escolar exige dela uma rigidez incompreensível. Corta seus canais sensitivos de participação e já foi dito que a inteligência só é possível quando antes atinge nossos sentidos

"O povo negro, onde quer que esteja entre culturas africanas ou outras (...) ainda expressa a vida com o corpo inteiro. A pele negra não o deixou esquecer que é com o corpo, antes de mais nada, e não apenas com bons raciocínios, que descobrimos o mundo, as outras pessoas e o que elas pensam de nós." (Silva, Petronilha, p. 18, 1997)

Muitas vezes, por não saber ou poder expressar verbalmente a opressão à sua liberdade recebida, como é comum entre as crianças- elas expressam suas revoltas por meio de atitudes agressivas contra si e os outros. E na grande maioria dos casos é analisado e avaliado o comportamento de resposta às violências e não as causas destes comportamentos. A escola e a prática pedagógica não são questionadas e sim, o aluno.

Conseqüentemente, os sistemas de ensino, a escola e os educadores deixam de cumprir seu papel social. Aprender é uma atividade de movimento, as informações e o processo de formação fazem com os fatos, as sensações e as, até então, certezas, mudem de lugar, e no universo infantil, o corpo, efetiva e simbolicamente, é o canal que encaminha estas mudanças.

III. PREPARAÇÃO DO EDUCADOR PARA A DIVERSIDADE

3.1 A Crença do Educador

A teoria da carência cultural contribui para sacramentar cientificamente as crenças, os preconceitos, e estereótipos presentes na ideologia a respeito das classes subalternas.

É comum ouvirmos o professor dizer que o aluno é “fraquinho”, que ele não tem prontidão e que não consegue aprender porque em casa não conversam com ele, porque os pais falam muito errado, porque ele é uma criança traumatizada por viver num ambiente familiar muito agressivo, porque não tem possibilidade de desenvolver suas habilidades motoras e perceptuais, porque vive num ambiente pobre de oportunidades de manipulação e de discriminação perceptiva.

Até que ponto tais afirmações referentes às crianças de camadas das classes populares não passam de afirmação de carácter ideológico e, portanto, mistificador, que justificam uma ordem social vigente com uma roupagem aparentemente científica? Até que ponto tais afirmações repetem e reforçam uma visão de mundo gerada pela classe social dominante e seus intelectuais e são impostas a sociedade inteira como se fossem verdades universais ?

Num segundo momento, a preocupação em justificar o fracasso escolar dessas crianças evoluiu para uma outra posição, o termo “deficiência cultural” foi substituído por “diferença cultural”. Agora a criança pobre não é considerada carente ou deficiente mais “ diferente “ da criança das classes média e alta.

No Brasil, estamos começando a viver esse momento: há indícios de que começa a haver uma passagem do discurso da deficiência para o discurso da diferença. Afirma que as crianças das camadas populares não têm deficiências de linguagem, mas falam uma linguagem diferente daquela criança de classe média e de classe alta, resolvem problemas de formas diferentes e tem toda uma experiência de vida diferentes da criança das classes média e alta. As dificuldades de aprendizagem, neste contexto, dever-se-iam basicamente ao fato de que a

escola não está levando em conta essas diferenças. Os educadores estariam esperando a presença nos bancos escolares de uma criança idealizada (a criança típica de classe média ou de classe alta) quando, na realidade, a clientela que se encontra nesses bancos já é outra. Neste nível de entendimento da questão o que se coloca é a necessidade de adequar a escola à realidade dessa criança, à maneira de ser, às características da "subcultura" das classes populares. Essa visão também merece questionamento. Precisamos verificar até que ponto contém afirmações que são indevidas ou exageradas e, portanto, até que ponto nos leva a descaminhos.

redescob
 → Num terceiro momento desta pesquisa, também foi verificado que existe alguns educadores em que produz o fracasso escolar, nas crianças públicas nas regiões pauperizadas das cidades.

A preparação do educador para o multiculturalismo também é muito importante para o rompimento da desigualdade na educação.

3.2. Para uma Pedagogia Multicultural

Como já informado neste trabalho, quando a criança está em busca de informações sobre sua identidade se baseia em referenciais e opiniões nos olhares presentes na família, na escola, na comunidade, no grupo religioso, sendo assim é necessário que pessoas que fazem parte deste grupo estejam preparadas para ajudá-lo de forma segura e plena.

Na escola, o papel dos educadores deve ser o de buscar informações reais e concretas sobre as crianças, sensibilizadas pela capacidade de (re)descobrir a história e de possibilitar a troca entre os diversos grupos sociais e étnicos que se enredam nos sistemas de ensino, excluindo para tanto os preconceitos e estigmas.

Mas, para isso, é preciso que o educador esteja preparado. É preciso estar suficientemente interessado e comprometido com a mudança que estas ações irão promover em universos individuais e coletivos.

Para buscar a igualdade na educação, o educador enquanto mediador de processos de transformação na escola, deve atuar contra os preconceitos e pela promoção da igualdade.

Ciente de seu papel, deverá buscar inserir-se neste processo, combinando em sua formação, ensinar, reaprender, refletir e comprometer-se com seu crescimento e com o de seus alunos.

3
→ Neste contexto, o educador necessita reaprender sobre o que ensina, ou, na visão de Gramsci, o professor para ensinar tem que se permitir tornar-se aluno e compreender o aluno como alguém que também tem algum saber a transmitir.

Ao olhar para os alunos, o professor comprometido com o combate a algum tipo de preconceito existente e na ajuda do resgate a identidade, deverá buscar os conhecimentos sobre a história e cultura deste aluno e de seus antecedentes. E ao fazê-lo, buscar compreender os preconceitos embutidos em sua postura, linguagem e prática escolar; reestruturar seu envolvimento e se comprometer com a perspectiva multicultural de educação.

Ao informar corretamente em sala de aula sobre as identidades ali presentes, o educador, baseado em fatores culturais e históricos reais, estará possibilitando que o processo de troca seja pautado por parâmetros de igualdade.

Os currículos escolares reproduzem também as relações político-ideológicas presentes na sociedade humana. Reproduzem as exclusões e os preconceitos e, se constituem em instrumentos de intervenção na formação dos educadores, crianças e adolescentes.

Na perspectiva de se construir sociedade e escolas democráticas, alguns movimentos sociais têm se empenhado em inserir nos currículos conteúdos / conhecimentos que tenham significado real para os segmentos populares.

Assim posto, a produção da igualdade tem buscado constituir no currículo um conjunto de ações que chamamos de direitos, ou seja uma abordagem que já vem sendo trabalhada por todos estes movimentos sociais existentes.

A educação para a cidadania é um direito e que o respeito aos patrimônios histórico-culturais das diversas populações, pela escola e seus sujeitos, também o é.

A formação docente muitas vezes é marcada por uma inculcação de preconceitos que, certamente, colaboram para a produção de maiorias invisíveis e silenciadas, e isto é tão forte que nem percebemos. Existem situações mais críticas, mais impactantes e outras mais sutis.

Aprendemos nos livros, nos meios comunicação, na grande mídia, nos filmes, nos filmes, revistas, outdoors, jornais... a idealizar algumas características humanas como as representantes legítimas e naturais do que seja ser humano. Normalmente pessoas, brancas, padrões do tipo europeu ou americano, como maneira correta de agir e de vestir. Aprendemos este preconceitos relativo ao que seja um ser humano ideal e quando nos depararmos com nossos alunos reais ou abrimos mão dessa idealização ou passamos a exercer o nosso racismo, machismo; passamos a estigmatizar e invisibilizar nossa realidade.

Aprendemos o que é uma criança ideal, o que é uma criança bonita, educada, como é a família ideal, a classe social ideal... Mas, quando nos deparamos com nossa realidade, sobretudo ao trabalharmos com crianças de classe popular (mas não só), nos colocamos diante de uma bifurcação: hierarquizamos aquela realidade em relação ao ideal, negando -a, ou lutamos para romper com aquele ideal apreendido; e, com paixão pela nossa realidade concreta nos predispomos a aprender e a trabalhar com ela. Desafio árduo, duro, mas que carrega em si um alto teor de gratificação diante da vida que, como educadores, estamos ajudando a potencializar.

Se o educador olhar o aluno como incapaz, menor, sua ação vai ser dirigida a ele de modo a subestimá-lo, de modo a desinvesti-lo das suas múltiplas possibilidades, e esse olhar/ação pode, junto com outros fatores, ajudar para que ele se acredite assim, incapaz.

O olhar/ação do professor é fundamental para o crescimento do aluno, e ele não pode ser falso, porque implica outras sensibilidades; o outro, sente, percebe, é influenciado por nós. Afinal o outro e nós sentimos com todo o nosso corpo, com todos os nossos sentidos, com a pele, com o toque, com o olhar, todos temos muitas formas de captar o mundo em nossa volta, o nosso papel é muito importante. É só ativarmos a nossa memória e encontraremos na nossa vida educadores que nos influenciaram, nos tocaram no mais profundo do nosso coração, nos estimularam.

Qualquer aprendiz precisa ser estimulado, incentivado, encorajado, afinal, aprender é aproximar-se de novo, do desconhecido, e é muito importante nesse caminho ter alguém em que confiar, alguém que nos dê palavras de incentivo. Mas para isto, é importante que educadores, têm uma confiança inabalável na potência de vida dos educandos. Olhá-los e ser capaz de nos fascinar com a vida e as múltiplas possibilidades que ela apresenta.

E importante fazer da escola, da sala de aula, um veículo, um espaço fundamental de educação para uma camada da população, inclusão social, de instrumentalização da apropriação de saberes que possam contribuir para o usufruir dos direitos conferidos aqueles considerados cidadãos para a melhoria de condição de vida e deixar de lado a acomodação, a rotina alienante e a reprodução de desigualdades na escola, e se deixar interesses pela pluralidade de vidas, interesses e desejos presentes no cotidiano escolar.

O educador tem que romper com o quadro de exclusão e legitimação e a desigualdade sociais, raciais, culturais e de gênero etc.

Visibilidade, audibilidade das diferenças de gênero, cultura, cor, etnia, orientação ajudam para a construção e fortalecimento da prática docente, não alienada do nosso contexto sócio-histórico.

Uma prática docente que valorize a aprendizagem que seja coletiva, voltada para a diversidade étnica e cultural da população, que seja política,

ideológica e humanamente comprometida com o povo que luta, que surpreende e que possibilite viver/sobreviver, num tempo em que a exclusão social existe.

Uma prática docente que tenha o diálogo, o estudo, a criação, o desejo e o compromisso com a transformação social, com a construção de uma cidadania mais justa.

É importante também a observação que a escola tem um papel muito importante a desempenhar e a população reconhece e exige isso. O educador tem que parar com as tentativas de explicações do fracasso escolar das crianças de famílias de baixa renda, que as crianças são desnutridos, tem carência afetiva, tem problema de linguagem, ... ou até porque precisam trabalhar cedo.

Todos estes problemas existem sim, mais é notório que alguns educadores não se importam com todos estes obstáculos existentes na sala de aula.

Atualmente as causas das dificuldades de aprendizagem dessas crianças estão sendo buscadas em instâncias do processo educativo, desde a política e a legislação educacional, a situação do professor, a formação e a valorização profissional do professor, suas condições de trabalho; entre esses fatores, poderia mencionar as atitudes burocráticas, legais e institucionais do trabalho do professor, a segmentação do trabalho escolar, a sobrecarga de trabalho burocrático, as repercussões das leis, etc. Mesmo não justificando a dedicação maior que o professor poderia ter prestado.

IV. AS DESIGUALDADES NO SISTEMA EDUCACIONAL

As estatísticas sobre a educação, apontam que as crianças e adolescentes de classes populares são os que mais evadem ou são excluídos da escola.

Na tabela 1, mostra a evolução da matrícula por nível de ensino no Brasil dos anos 70 a 98. É verificado que houve uma verdadeira explosão de crescimento da pré- escola e do ensino fundamental.

**Tabela 1 - Evolução da Matrícula por Nível de Ensino - Brasil
(1970 - 1998 em mil)**

Ano	Total	Ed. Infantil	Fundamental	Médio	Superior
1970	17.814	374	15.895	1.119	425
1980	28.130	1.335	22.598	2.819	1.377
1985	31.635	2.482	24.770	3.016	1.368
1991	39.823	5.284	29.204	3.770	1.565
1997	48.299	5.719	34.229	6.405	1.946
1998	49.805	4.917	35.793	6.969	2.126

Fonte: MEC/INEP/SEEC

Nota: (1) - Inclui crianças matriculadas na pré-escola e em classe de alfabetização.

Nas tabelas 2 e 3, mostram as taxas de promoção e repetência da 1ª e 5ª série.

As taxas de promoção na 1ª série do ensino fundamental apresentadas em 1997 pelas regiões norte (43%) e nordeste (45%) foram inferiores as atingidas em 1989 pelas regiões sul (64%) e sudeste (70%). O grau de desigualdade regional ganha contornos dramáticos quando são cotejadas as taxas de repetência. Nas escolas do norte e nordeste, mais da metade dos alunos da 1ª série são afetados pela repetência. A região centro-oeste também apresenta elevada a taxa de

repetência (41%), diferenciando-se do sudeste e sul, que tem as menores taxas do país (16% e 25 %, respectivamente).

**Tabela 2 - Ensino Fundamental - Taxa de Promoção da 1ª e 5ª série
(1989 - 1997)**

Brasil e Região	Taxa de Promoção do Ensino Fundamental (%)							
	1ª série				2ª série			
	1989	1992	1995	1997	1989	1992	1995	1997
Brasil	50	53	55	59	51	55	60	68
Norte	34	37	41	43	45	49	47	55
Nordeste	33	34	40	45	46	47	53	60
Sudeste	70	76	74	83	51	59	63	76
Sul	64	66	72	75	53	57	64	65
Centro-Oeste	51	57	58	58	48	52	57	57

Fonte: MEC/INEP/SEEC

Nota: (1) Taxas Estimativas por Ruben Klein - LNCC

(2) Estimativas Preliminares

**Tabela 3 - Ensino Fundamental - Taxa de Repetência da 1ª a 5ª série
(1989 -1997)**

Brasil e Região	Taxa de Repetência do Ensino Fundamental (%)							
	1ª série				2ª série			
	1989	1992	1995	1997	1989	1992	1995	1997
Brasil	48	48	44	40	41	38	35	26
Norte	62	59	57	55	44	42	43	32
Nordeste	63	62	58	53	44	45	40	33
Sudeste	29	23	25	16	40	35	32	18
Sul	35	33	28	25	36	34	31	24
Centro-Oeste	48	42	41	41	46	44	41	33

Fonte: MEC/INEP/SEEC

Nota: (1) Taxas Estimativas por Ruben Klein - LNCC

(2) Estimativas Preliminares

Para que as desigualdades ainda existentes na área educacional sejam superadas, é necessário além do intenso trabalho do professor, é preciso que haja uma ação equalizadora do governo federal, para não só garantir o acesso, mas a permanência e a progressão dos alunos no sistema. É importante :

- garantir e efetivar a aplicação dos recursos vinculados à educação e incentivar a participação da comunidade;
- ampliar os programas das classes de aceleração de aprendizagem para atender aos alunos com distorção idade/série, promovendo assim a correção do fluxo escolar e adotando, simultaneamente, medidas para combater a repetência e o abandono;
- investir em programas de capacitação dos professores como estratégia para melhorar o aprendizado dos alunos;
- incentivar a formação de conselhos escolares e de associações de pais e mestres para promover uma interação maior entre a escola, alunos, professores e a comunidade e melhorar a gestão escolar;
- melhorar as condições físicas das escolas, dotando-as do patão mínimo necessário para o seu funcionamento;
- desenvolver programas em parceria com organizações não-governamentais, para ações específicas, como combate à repetência e ao analfabetismo.

A constatação das tentativas inegáveis dos problemas e avanços ocorrido na educação brasileira não prescinde de uma análise crítica dos desafios que o País ainda precisa vencer, se quiser oferecer uma formação escolar satisfatória a todas as crianças e jovens.

Os desafios estão concentrados nas questões de qualidade, eficácia e equidade. A maior evidência desta combinação de problemas são as altas taxas de repetência, que caracterizam tanto o ensino fundamental quanto o médio.

Somente a superação dessas deficiências e a regularização do fluxo escolar vão permitir que haja uma educação para todos sem preconceito e discriminação.

V. CONCLUSÃO

Sem dúvida, é importante pensar no que poderia ser feito no sentido de tornar os educadores menos preconceituosas, mais solidários com as crianças de escolas, onde se concentra uma hegemonidade e com toda política educacional neste país, todo o sistema escolar marcado de cima a baixo pelo autoritarismo. A desumanização das relações interpessoais está presente em todos que ocupam posições hierarquicamente subalternas no contexto educacional, são ao mesmo tempo dominadores e dominados. É na tomada de consciência disso, através de uma reflexão crítica aberta e constante dos profissionais de ensino e dos usuários da escola sobre suas crenças e suas práticas, que o processo de produção do fracasso poderá começar a ser cotidianamente revisto.

Os resultados, apresentado nesta pesquisa, longe aponta a falta de condições e aptidões cognitivas das crianças, expressam a falta de interação das expectativas e necessidades e os interesses as crianças e adolescentes de classes populares vão se constituindo num grande grupo de ignorados pelo sistema de ensino.

Perversamente, são culpados por resultados. Por um lado, buscando justificá-lo concluindo que são incapazes, e por outro, levando-os a vivenciar o fracasso e a sugeri-los como os únicos responsáveis por ele.

A igualdade na educação presume o rompimento de ideários, presentes no sistema de ensino, e que se constituem em práticas pedagógicas em sala de aula pontuadas por situações de preconceitos e marginalização.

Rompendo com isto, todos que fazem parte do sistema educacional propõem que a democracia e a qualidade da educação incorporem os tantos desejos que se farão possíveis na medida em que respondam aos anseios das camadas populares.

Pais e mães quando colocam seus filhos na escola "para ser alguém", presumem que esta cumprirá a tarefa de promovê-los ao sucesso. Esperam que

suas crianças superem os preconceitos culturais e étnicos que lhes serão impostos, tais quais viveram, no mercado de trabalho, na escola e em tantos outros espaços institucionais.

Nesta perspectiva, a escola tem um papel importante talvez pouco percebido pelos educadores e sistemas de ensino – as famílias esperam que as mudanças propagadas pelos educadores, tragam novas possibilidades de igualdade, e seus filhos, beneficiários delas, se sintam seguros em atravessar barreiras que para eles - os pais - muitas vezes foram impossíveis de serem ultrapassadas.

Ao perseguir esse desejo, os setores étnicos discriminados idealizam vislumbrar “ futuros” onde a exclusão não faça sentido. Sobretudo, buscam possibilitar que estas crianças façam bem o que gostam; que se gostam porque sabem e podem fazê-lo e se sintam aceitos por aqueles que reconheçam suas capacidades de ação.

“Que pensar então dessa educação bárbara que sacrifica o presente a um futuro incerto, que acumula a criança de cadeias de toda espécie e começa por torná-la miserável a fim de preparar-lhe, ao longe, não sei que pretenda felicidade de que provavelmente não gozará nunca? Ainda que supusesse essa educação razoável em seu objetivo, como ver sem indignação pobres desgraçados condenados a trabalhos contínuos, como forçados, sem ter certeza de que tantos cuidados lhes serão úteis algum dia! A idade da alegria passa em meio aos choros, aos castigos, as ameaças, a escravidão. Atormenta-se o infeliz para seu bem, e não se vê a morte que se chama e que vai alcança-lo em meio a essas tristes precauções. Quem sabe quantas crianças morrem vítimas da extravagante sabedoria de um pai ou de um mestre? Felizes por escaparem a crueldade destes, a única vantagem que tiram dos males e lesas impostos é a de morrerem sem saudade da vida, da qual só conheceram os tormentos.

Homens, sejais humanos, é vosso primeiro dever, e o sejais em relação a todas as situações sociais, a todas as idades, a tudo o que não seja estranho ao homem. Que sabedoria haverá para vós fora da humanidade? Amai a infância: favorecei seus jogos, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não se sentis saudoso, as vezes, dessa idade em que o riso está sempre nos lábios e a alma sempre em paz? Por que arrancar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de um bem tão precioso de que não podem abusar? Por que encher de amarguras e de doses esses primeiros anos tão rápidos que não voltarão nem para vós nem para eles? Pais, sabeis a que momento a morte espera vossos filhos? Não vos preparei desgostos suprimindo-lhes os poucos instantes que a natureza lhes dá: desde o momento em que possam sentir o prazer de serem, fazei com que dele gozem: fazei com que, a qualquer hora Deus os chame, não morram sem ter gozado a vida.

Quantas vezes se vão erguer contra mim ! Ouço de longe os clamores dessa falsa sabedoria que nos bota incessantemente fora de nós, menospreza sempre o presente

e que, visando sempre a um futuro que de nós se afasta na medida em que avançamos, à força de nos transportar para onde não estamos nos transporta para onde nunca estaremos.

É, responder-nos-eis, o momento de corrigir as más inclinações do homem, é na infância, quando as pernas são menos sensíveis, que é preciso multiplicá-las, a fim de poupá-la na idade da razão. Mas quem vos diz que todo esse arranjo está à vossa disposição e que todas essas belas instruções com que encheis o fraco espírito de uma criança, não lhes serão um dia mais perniciosas do que úteis? Quem vos assegura que lhe poupais alguma coisa com as amarguras que lhe prodigalizais? Por que lhes dais maiores dissabores do que comporta seu estado, sem terdes a certeza de que esses males presentes aliviarão o futuro? E como me provareis que essas más tendências de que a pretendeis curar não lhe vem de vossos cuidados mal entendido muito mais que da natureza? Infeliz providência que faz um ser desgraçado no momento, na esperança de torná-lo feliz um dia! Se tais raciocinadores vulgares confundem a licença com liberdade, e a criança que fazemos feliz com a criação que estragamos ensinemo-los distingui-los.

Para não correr atrás de quimera não esqueçamos o que convém a nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem seu na ordem da vida humana, é preciso considerar o homem no homem, a criança na criança. Assimilar a cada um seu lugar e nele fixá-lo, ordenar, paixões humanas segundo a constituição do homem e tudo o que podemos fazer para ser bem-estar. O resto depende de causas estranhas a nós e que não estão em nosso poder.

(ROUSSEAU, Jean- Jacques, educação. São Paulo, 1968, p.60,2)

VI. BIBLIOGRAFIA

GADOTTI, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992

GRUPO AMMA. Gostando mais de nós mesmos: 17 perguntas e respostas sobre a discriminação racial e auto estima. São Paulo: Quilombhoje, 1996.

PIAGET, J. Para onde vai a Educação? São Paulo: Papyrus, 1975.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Educação. São Paulo: Papyrus, 1968.

SILVA, Petronilha B. G. Vamos acertar os passos? Referências afro-brasileiras para os sistemas de ensino. Florianópolis: Loyola, 1997.

SOUZA, Neuza Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983